

**“MULHER, COMO DEVES SER”:**  
UM ESTUDO SOBRE A EDUCAÇÃO DO CORPO FEMININO  
NO JORNAL *DIA E NOITE* (1940-1941)

BEATRIZ STAIMBACH ALBINO — ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ



*Nu couche de dos* - Henri Matisse - 1944

**RESUMO:** O presente trabalho foi realizado com o objetivo de investigar dispositivos de embelezamento feminino nas décadas de 1930 e 1940 na cidade de Florianópolis. Tomamos como objeto a Página Feminina do jornal *Dia e Noite*, o qual circulou no Estado de Santa Catarina no mesmo período. O material analisado (1940-1941) aponta para a construção de um *dever ser* a partir do aconselhamento pedagógico, sendo as prescrições baseadas, sobretudo, nos pressupostos da indústria cultural. Os resultados foram organizados nos eixos Corpo, Maternidade e Comportamento, e apontam para a presença de dispositivos especializados combinados com um ideário que aproxima a mulher da condição de natureza e que incentiva a responsabilidade individual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indústria cultural; Gênero; Corpo feminino.

**ABSTRACT:** This paper shows the results of a research whose aim was to investigate the vectors of female beauty in the decades of 1930 and 1940 in Florianópolis, south of Brazil. We studied the Female Page of a daily newspaper, *Dia e Noite* (Day and Night). The results suggest the construction of a *must be* as pedagogic council with prescriptions linked with culture industry. Body, maternity and behavior were the three axes in that we organized the conclusions that point the presence of a framework that links woman and nature and ask her for an individual responsibility.

**KEYWORDS:** Cultural industry; Gender; Feminine body.



## 1. INTRODUÇÃO

**B**atom, cremes, maquilagem: difícil não relacionar esses produtos ao *feminino*. Isso se deve em grande medida ao fato de que há pelo menos duzentos anos a mulher é referenciada como o “belo sexo” (cf. Lipovetsky, 2000), aquele que é detentor do capital-beleza; uma adjetivação que carrega em si um imperativo: o de *fazer-se* bela. Para satisfazer essa inventada necessidade feminina de cuidado com a aparência, foi se delineando ao longo da história ocidental um aparato para o embelezamento composto por discursos, prescrições e imagens apresentadas, mas também omitidas, que, em seu conjunto, fomentam a constituição de um certo *dever ser feminino*.

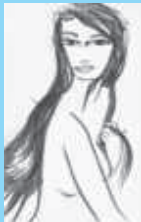
A disseminação das pedagogias de embelezamento por meio da imprensa, juntamente com o estímulo ao consumo de produtos e à responsabilidade individual, faz com que a beleza seja não somente uma possibilidade, mas também um dever de toda mulher. Lembremos que diante da democratização do uso cosmético proporcionado a partir da divulgação da imprensa e do desenvolvimento da indústria do embelezamento, os cuidados com a aparência vão gradativamente deixando de ser algo possível somente às elites, passando a estar disponível a outros segmentos sociais. Assim, estando acessível a muitas mulheres, as práticas de embelezamento adquirem o caráter de dever, o qual não é propriamente *imposto*, mas sim sugerido incessantemente de modo que adquire a forma do que denomina

de “*pós-dever*” (Lipovetsky, 2000). Nesse mesmo quadro, há ainda a supervalorização do corpo que se transforma em encarnação do sujeito e representante da beleza, um retrato dos tempos modernos que apresentam o corpo como local privilegiado de investimento.

Na medida em que o corpo ganha estatuto de identidade nos tempos modernos, as técnicas de embelezamento emergem na instituição de uma *pedagogia dos corpos femininos*. Essa pedagogia para adequação das aparências vai encontrar seu desiderato nos processos reificadores da *indústria cultural* (Horkheimer; Adorno, 1997) a mercadorização do corpo, a produção de subjetividades adaptadas ao consumo e compulsivas por entretenimento, a propagação de promessas que nunca serão cumpridas e a apresentação do velho sempre “disfarçado” de novo.

Existem vários trabalhos importantes que tratam de questões da história do corpo feminino, entre eles o de Sant’anna (1995), Goellner (2000) e Priore (2000). Eles apresentam informações e reflexões acerca dos cuidados femininos com a aparência em épocas particulares da história do Brasil. Como considerações que perpassam a todos os trabalhos, está o aconselhamento por meio das mulheres-mitos, o progressivo desencorajamento com relação à dissimulação das aparências e o discurso higienista, materializado, sobretudo, nas prescrições de exercícios físicos.

Num esforço de verificar como essas e outras questões possivelmente ganham contornos singulares, o objetivo do presente texto é apresentar resultados de uma pesquisa que buscou identificar elementos



de uma *pedagogia dos corpos femininos* nas décadas de 1930 e 1940 em Santa Catarina, mais especificamente em sua capital, Florianópolis. Pesquisamos, para tanto, a *Página Feminina* do jornal *Dia e Noite*, publicado entre os anos de 1936 e 1941.

Rememorar as prescrições de beleza destinadas ao feminino significa compreender como se constitui o *ser mulher* em um período específico que, uma vez incorporado, vai fazer parte da memória individual e social, tornando-se universal e dizendo assim sobre o ser mulher também no tempo presente (Goellner, 2000). No que se refere ao período específico do recorte, esse abrange o Estado Novo, momento de execução de uma política nacionalista, a qual se realiza essencialmente por meio de um controle do corpo individual e social. As mulheres, como elementos importantes na constituição do projeto de nação, também serão alvo de *intervenções políticas*, sofrendo o controle do corpo por meio de prescrições e aconselhamentos de um dever ser, nos quais estão incluídas as técnicas de embelezamento.

Nas próximas páginas procuramos caracterizar o jornal para, em seguida, expor três eixos de análise por meio dos quais se pode avaliar a educação do feminino: o corpo e os investimentos sobre algumas de suas partes; os dispositivos para a maternidade; e os comportamentos prescritos para a vida social da mulher. Considerando os limites desse trabalho, optamos por apresentar análises do período de outubro de 1940 a fevereiro de 1941, focalizando a estação do verão, momento no qual é de supor, mesmo considerando o período histórico em questão,

uma maior preocupação com o corpo e suas formas aparentes, uma realidade da cidade de Florianópolis já naquele tempo.



## 2. SOBRE O JORNAL DIA E NOITE

O *Dia e Noite* se ocupava em trazer informações sobre esportes, casos polêmicos, pequenas crônicas e notícias sobre economia e política daquele tempo. Material especialmente destinado ao público feminino também fazia parte do jornal, inicialmente de forma pulverizada, mas encontrando, com o tempo, lugar em uma página específica, geralmente publicada aos domingos.

Apesar de ter sua sede em Florianópolis, o *Dia e Noite*, por meio de correspondentes, apresentava informações e também circulava em diferentes municípios. Além disso, em suas edições (que variavam de quatro a onze páginas) também havia notícias do cenário nacional, principalmente o Rio de Janeiro, bem como o internacional, com destaque para os desastros da Segunda Guerra Mundial.



A Página Feminina aparece pela primeira vez no Jornal na edição de número 243, em Janeiro de 1939. Posteriormente sofre alterações no nome, mas no final do mesmo ano reaparece com o título original, ocupando regularmente um quarto de toda edição de domingo.

A Página se divide em alguns conjuntos de prescrições que podem ser agrupados nos seguintes eixos: corpo feminino, exaltação da maternidade e prescrições de comportamento.

As recomendações que se manifestam ora como sugestão, ora como imperativo, procuram compor um modo de ser feminino. É comum se encontrar matérias com títulos como “Mulher como deves ser” (n.727), ou ainda que determinam que “Para ser bela” é necessária uma “reeducação” (n. 689).

Essas prescrições são geralmente feitas na forma de aconselhamento, o que parece ser uma tendência da época (Sant’Anna, 1995). Essa familiaridade forjada de quem escreve com aquela que lê contribui para se construir uma identificação da leitora com o que é apresentado pela Página. Essa é percebida pela presença de expressões como “querida leitora” (n.723) ou ainda quando afirma: “Não há necessidade de descrever esse modelo. A leitora, *inteligente que é*, facilmente verá os seus formosos detalhes.” (n. 707, grifos nossos).

Os conselhos recebem ainda mais peso por meio de imagens. Em praticamente todas as edições há fotos de mulheres que se apresentam como *modelos*, o que se manifesta não somente pelas afirmações do próprio jornal como: “Veja, por exemplo, as gravuras que ilustram esta opinião e siga

rigorosamente as suas *regras*” (n.744. Grifos nossos) – o que já é bastante imperativo – mas também pelo que as imagens carregam em si. As fotografias trazem freqüentemente mulheres sorrindo ou com olhar distante, musas a serem admiradas. Elas são, em sua grande maioria, loiras como as atrizes de cinema, referências de beleza da época, tal como aponta Sant’Anna (1995). É digno de nota o fato de ser nesse mesmo tempo que Horkheimer e Adorno (1985) escrevem sobre a indústria cultural, cuja principal expressão era justamente o cinema e suas estrelas.

As personagens descobertas pelos caçadores de talentos e depois lançadas em grande escala pelos estúdios são tipos ideais da nova classe média dependente. A *starlet* deve simbolizar a empregada de escritório, mas de tal sorte que, diferentemente da verdadeira, o grande vestido de noite já parece talhado para ela. Assim, ela fixa para a espectadora, ainda mais enfaticamente, a distância entre elas. Só uma pode tirar a sorte grande, só um pode se tornar célebre, e mesmo se todos têm a mesma possibilidade, esta é para cada um tão mínima que é melhor riscá-la de vez e regozijar-se com a felicidade do outro, que poderia ser ele próprio e que, no entanto, jamais é (Horkheimer; Adorno, 1985, p. 136).

Além das fotografias, há também imagens de mulheres com expressões de cansaço e desânimo, essas, porém, são representadas por desenhos, como caricaturas, que, em oposição às anteriores, parecem produzir uma sensação do que se deve distanciar.







### 3. EIXOS DE ANÁLISE

#### 3.1 INVESTIMENTOS SOBRE UM CORPO EM SUAS PARTES

Segundo Gilles Lipovetsky, a necessidade de adequação estética na modernidade está intimamente relacionada ao individualismo, aos *valores individualistas-meritocráticos* (cf. Lipovetsky, 2000). O corpo, por sua vez, parece ser uma categoria central para a compreensão do que seja o *ser mulher* no início dos anos 1940. As inúmeras informações e cuidados para com ele, presentes na Página, apontam para a importância da aparência na constituição do feminino. A beleza é descrita como algo que pode e deve ser construído, expressão da responsabilidade individual, devendo ser realizado por meio de um trabalho intermitente que compreende exercícios físicos e outros métodos diversificados de embelezamento.

A beleza feminina *moderna* é, essencialmente, *do corpo*. Essa tendência é perceptível na Página quando ela, por exemplo, faz referência aos “encantos” femininos como características corporais (n. 707). Apesar de citar a compreensão e a bondade como símbolos da beleza da mulher (n. 712), o imperativo para o alcance de um corpo considerado belo é reforçado nos inúmeros cuidados e na repetição das informações com relação a ele. Destaque-se que a eleição do corpo e de conformações específicas como signos da beleza feminina é algo que se constitui em relação dialética entre a materialidade social e o discurso presente na Página Feminina: ao mesmo tempo em que a Página é um dispositivo

pedagógico de dever ser feminino, é também expressão da produção de desejos mais largamente postos da sociedade de então. Ambos, materialidade e discurso, são construídos um pelo outro.

A busca da beleza é apresentada pela Página como uma característica e dever femininos, já que a mulher não deve “resignar-se a ser tal como a natureza a fez” (n. 732). As jovens e senhoras têm a possibilidade de construir um corpo belo, por meio de recomendações e cuidados intermitentes com partes específicas do corpo. Como territórios que devem deter maior investimento sobre o corpo feminino estão o rosto, principalmente as sobrancelhas, as pernas, os braços, a voz, a pele e as mãos, com atenção especial às unhas. Ocorrendo um aumento da exposição corporal, as exigências de cuidados também se acentuam. A mulher é instruída a não deixar de usar roupas decotadas, mas sim

cuidar da pele: “(...) em vez de suprimir o decote, o que se deve fazer é suprimir os defeitos que a pele. Uma pele tratada tem que ser lisa e fina.” (n. 775).

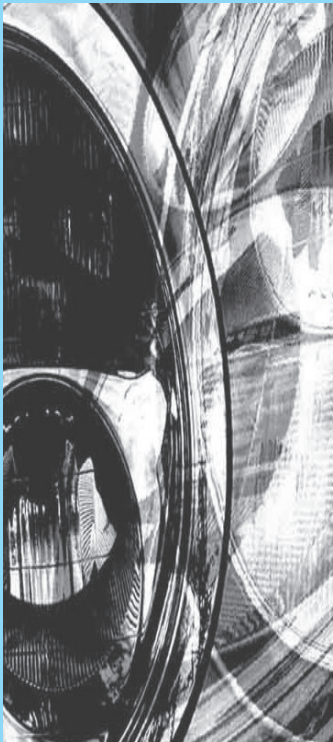
As informações de beleza procuram apresentar, em grande parte, fundamentação científica, por exemplo, nos esclarecimentos a respeito da respiração, da queima de gordura (n. 717) ou da circulação sanguínea (n.707). Os exercícios e dicas são geralmente recomendados por especialistas ou

“estudiosos do assunto” (n.707). Assim, a página explicita que não basta depilar as sobrancelhas, mas é preciso que elas sejam “alinhadas cientificamente” (n. 712).

A preocupação com uma aparência milimetricamente adequada tem relação com os estudos sobre a *fisiognomia* (Priori, 2000): as formas da sobrancelha, do rosto e até mesmo a expressão do olhar deporiam sobre a personalidade feminina. A mulher deveria estar sempre apreensiva para que nada de imoral fosse demonstrado por meio da forma de sua sobrancelha ou do excesso de maquiagem; essa, por sua vez, deveria ser feita, mas sempre de modo suave, “imitando o que seria natural si a natureza fosse especialista de maquiagem” (n. 712).

Por outro lado, a busca feminina pela beleza devia ser realizada por meio de “um trabalho paciente e constante” (n. 732). Para tudo haveria solução e a mulher não deveria ser negligente e sim tentar *corrigir* os seus defeitos por meio da “ginástica praticada racional e metodicamente”, a qual poderia ser acompanhada de um regime alimentar (n. 707).

Com relação à saúde esse é um discurso colocado de modo insistente, aparecendo sempre imbricado ao da beleza: “Não há beleza sem saúde” (n.689). São diversas as prescrições de exercícios para a manutenção da saúde e para a solução dos *defeitos* corporais (n. 712). Há indicações de atividades como subir e descer escadas para o fortalecimento das pernas (n. 707) ou ainda a “ginástica da mulher preguiçosa”, realizada na cama ao despertar a fim de melhorar a circulação sanguínea (n. 727). Os exercícios sugeridos possuíam como duas carac-





terísticas importantes o fato de em grande parte poderem ser realizados em espaço privado e terem caráter combinadamente higiênico e estético, o que é notável nas prescrições de beleza que afirmam que para a correção de um “defeito” “o melhor remédio é a cultura física” (n. 707).

A natação era recomendada como um esporte que ajudava na vida prática da mulher, pois “proporciona um grande domínio, sobre os nervos” (n. 732). O medo da água não era um empecilho, já que a leitora podia aprender a nadar dentro do próprio quarto, treinando a respiração ao submergir a cabeça em uma vasilha de água.

A mulher ainda é estimulada a exercer uma “autocrítica” e perceber se o seu corpo é adequado para utilizar determinado tipo de roupa, uma exigência que aumenta à medida que as vestes diminuem. Certa reportagem afirma que ela não deve usar um maiô branco “a menos que seu corpo seja o de uma Vênus” (n.707), o que faz relativizar a moralidade e, de qualquer forma, subsumi-la à beleza.

A adequação do corpo feminino deveria se dar ainda pela sujeição a sacrifícios em nome da vaidade, como, por exemplo, à leitora era sugerida a compra de um sapato um número menor que o seu, afinal “A vaidade também faz diminuir o tamanho do pé” (n. 723). A formação de um *dever ser* próprio do

feminino era, por sua vez, importante não somente para aquelas que liam a Página, mas também para suas filhas. Há recomendações para que os cuidados se estendessem a elas, devendo as leitoras dizerem às meninas que não roessem unhas, uma vez que, se o fizessem, “seus dedos ficarão masculinizados, que sua mão ficará gigantesca como a de um pugilista” (n. 723).

### 3.2 MATERNIDADE

Tida como *naturalmente* feminina, a maternidade é um assunto corrente. Ela aparece nas reportagens da Página por diferentes meios, apresentando-se como uma predestinação de toda a mulher. Não há referências a famílias constituídas de outra forma que não de casal heterossexual e filhos, o que sugere que todas seriam ou viriam a ser mães. Outra opção parece ser inexistente, já que a mulher “(...) sente necessidade de amar e ser amada, de criar, dar vida, cuidar dos pequeninos que dela vêm. E nisso consiste o motivo de suas paixões, alegrias e todas as dores” (n.707).

A *beleza* da mãe é referenciada de forma angelical, já que ela se apresentaria com “(...) olhos tranquilos e radiosos” (n.727). Esta imagem reforça a idéia de que “(...) com um sorriso doce, para salvar teu filho da desgraça, [daria] a própria vida se preciso fosse” (n. 727). A maternidade parece ser sacralizada, o que tende a ser encarado como bom, já que a religião valoriza o sacrifício como forma de ascese. “Ser mãe é padecer n’um paraíso” (n. 727).

A mulher é apresentada como aquela que tem responsabilidade sobre a educação





de seus filhos, pois seus deveres “nascem juntamente com seu primogênito.” n. (695). A mãe é tida como a “pedra angular no caráter da criança” (n. 695), devendo ser um exemplo, já que os filhos aprenderiam por imitação. Os pais, mas principalmente as mães, são responsabilizadas por “policiar” os “pequenos pecados ainda veniais, buscando extingui-los antes que, com o correr do tempo, se transformem em empecilhos sérios à boa acolhida do futuro cidadão pela sociedade intransigente.” (n. 695). A responsabilidade dela pelo sucesso ou insucesso dos filhos parece adquirir aqui proporções enormes, sobretudo se comparadas com os atuais dispositivos educacionais destinados à infância que, como destacou Ghiraldelli Jr. (1996), se multiplicam em técnicas e especialistas diversos.



© Albert Collingan

Além dessa necessidade em se educar a partir das diversas técnicas consideradas socialmente adequadas, era preciso fazê-lo também considerando orientações eclesiásticas. Em artigo escrito por um padre,

as mulheres recebem críticas, pois, de acordo com ele, “perderam o senso de educação de seus filhinhos e o que seja escândalo.” (n. 689). À mulher era recomendando que não levasse as crianças em locais de grande exposição corporal e não se conversasse em presença delas sobre “cousas mundanas ou bem escabrosas.” (n. 689). Por fim, permanecia a força da educação religiosa: “Al! De vós pais e mães de família descuidados do dever sacratíssimo da educação dos filhos.” (n. 689).

### 3.3 COMPORTAMENTO

Na Página a “mulher moderna” encontra informações variadas sobre como deve se comportar. As correntes prescrições que se dedicam a dar dicas sobre literatura e modos adequados de interação com o meio social discorrem também sobre a personalidade da mulher, a qual tenderia ao romantismo e à proximidade com a natureza.

O feminino é instigado a imitar o que se acreditava serem os elementos da natureza, tanto quanto a que se mantivesse em proximidade com eles: “se como a luz do dia clara e pura (...) Se como o cristalino jorro de água da fonte (...) Estuda tuas lições na Natureza. Há de ser sempre a melhor das mestras” (n. 727). Nesse mesmo número a Página apresenta uma matéria com o seguinte título: “Mulher como deves ser”. Esse imperativo é reforçado no corpo do texto com frases que se iniciam com expressões como *deves*, *tens que ser*, *sê como*, *Sê sempre assim*, o que por si já diz algo sobre as estratégias para a (con)formação. Além disso, essas instruções sobre comportamento para



as mulheres nem sempre se manifestam de modo direto, estando presentes também por insinuações, o que é percebido quando a Página, tratando sobre o hábito feminino de fumar, afirma: “nada mais feio do que uma mulher fumando.” (n. 732).

A mulher *deve ser moderna*. É comum observarmos com reportagens que tratam dos cuidados que ela deve ter com a saúde devido à “vida agitada que leva a mulher moderna.” (n. 727). Há indicações para que os esforços sejam minimizados pelas facilidades proporcionadas por uma crescente oferta de aparatos para a administração da vida doméstica. As propagandas da máquina de costura *Singer* reforçam o ideário da mulher “prática”, o que se insinua nas próprias palavras que descrevem e adjetivam o aparato: “leve, elegante e veloz, é sempre útil a uma dona de casa (...) reduz pela metade o trabalho de quem costura.” (n. 707). Além disso, a mulher é constantemente instigada a manter-se informada: “Não permita que o seu cérebro se entorpeça; procure se interessar pelo movimento do mundo.” (n. 707).

As recomendações de comportamento ultrapassam o meio social público. Para se tornar uma “esposa indispensável” a mulher era orientada a estar incondicionalmente bem disposta para acompanhar o marido, pois esse “é o caminho certo para evitar dissabores.” (n. 903). Não se aconselhava que ela se oponha ao esposo, pois, “Corrigir o ‘daling’ ou discordar de maneira acintosa de suas opiniões é querer empurrar o barco do casamento de encontro a recifes...”(n. 903).



La Vénus Debout - François Bouchet - 1754

#### 4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

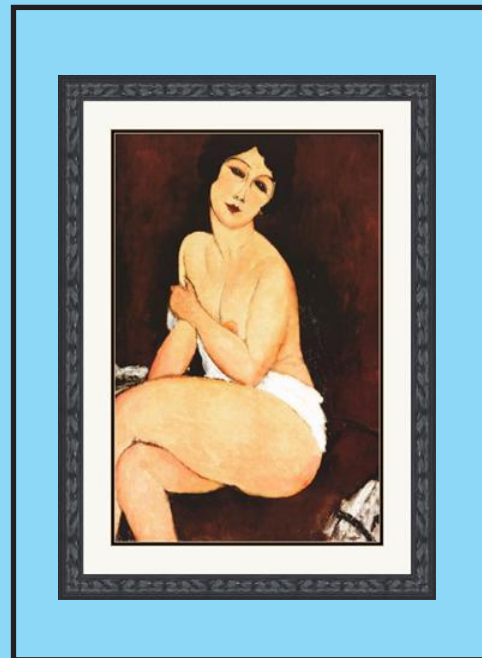
Muitas questões emergem da apreciação do material apresentado. A importância das imagens junto ao texto jornalístico e a relação entre gêneros são exemplos. Destacamos algumas destas questões. A primeira é a presença da ciência como legitimadora de uma *pedagogia do feminino*, notável nos discursos especializados (n. 707 e 717, entre outros), mas combinada com os imperativos morais, inclusive legitimados pelo registro eclesiástico (n. 689, por exemplo). A segunda é a eleição do corpo como local de materialização da responsabilidade individual e do ideário de ser moderna, ambas prescrições incessantemente destacadas pela Página. A terceira é a “proximidade” da mulher com a natureza. Como destacado no texto (cf. Horkheimer; Adorno, 1985; Lypovetsky, 2000), essa atribuição legitima o domínio masculino, uma vez que a natureza é vista como indeterminada, irracional, o mito ao qual a civilização ocidental opõe a racionalidade ao tentar compreender e dominar. Lembremos, para finalizar o estudo, um trecho da Página que parece mostrar esta condição como *inerente* à personalidade feminina: “Se como a luz do dia clara e pura (...). Se como o cristalino jorro de água da fonte (...). Estuda tuas lições na Natureza. Há de ser sempre a melhor das mestras” (n. 727).

T & M

Texto recebido em abril de 2005. Aprovado para publicação em maio de 2005.



*L'Inspection Médicale* - Henri de Toulouse-Lautrec - 1894



*Bella Donna* - Amedeo Modigliani - 1919

## 5. NOTA

A presente pesquisa recebeu apoio das seguintes instituições:  
CNPQ; FUNCITEC; FUNPESQUISA/UFSC.

## 6. SOBRE OS AUTORES

**Beatriz Staimbach Albino** é Aluna da Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista PIBIC/UFSC/CNPq. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sociedade Contemporânea (PPGE/UFSC).

**Alexandre Fernandez Vaz** é Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina (PGE/UFSC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (PPGE/UFSC).

## 6. REFERÊNCIAS

- GHIRALDELLI JÚNIOR, P. “Pedagogia e infância em tempos neoliberais”. In: —. (Org.). *Infância, educação e neoliberalismo*. São Paulo: Autores Associados, 1996.
- GOELLNER, S. V. “Mulheres em movimento: imagens femininas na *Revista Educação Física*”. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 25 (2), p. 77-94, jul./dez. 2000.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LYPOVETSKY, G. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PRIORE, M. D. *Corpo a corpo com a mulher*. São Paulo: Senac, 2000.
- SANT’ANNA, D. B. “Cuidados de si e embelezamento feminino”. In: — (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

## 7. FONTE DA PESQUISA

*Jornal Dia e Noite*. Edições de Outubro de 1940 a fevereiro de 1941.

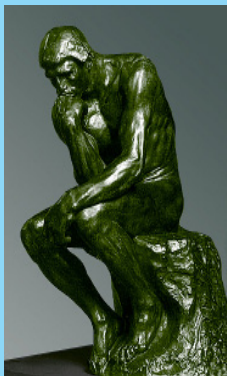




*Freedom* - Bharati Chaudhuri - 1994



*Newton* - William Blake - 1795



*Le Penseur* - August Rodin - 1880



*Studi per la Battaglia di Cascina* - Michelangelo - 1504